

A focalização do personagem na criação de diálogos em narrativas escritas

M. E. Soares – UFC

Introdução

Os estudos sobre a narrativa desenvolvidos pela Lingüística de Texto e pela Psicolingüística, de modo geral, têm-se preocupado em depreender a estrutura da narrativa, entendida como objeto ou produto do ato de narrar, ou em investigar a importância dos princípios organizadores do discurso para a compreensão dos fatores funcionais e sintático-semânticos que operam nos níveis do discurso e da frase (podem-se lembrar, dentre muitos outros: Rumelhart, 1975; Applebee, 1978; van Dijk e Kintsch, 1983; Bamberg, 1986; Hickman, 1985).

Pouca atenção tem sido dada, até o momento, nos estudos sobre narrativas infantis escritas, aos processos de constituição da autoria, que permitem a criança coordenar a relação entre autor e personagem ou entre autor e instância narrativa, aspectos tratados freqüentemente no âmbito da Teoria Literária sob o rótulo de *perspectiva*, *ponto de vista*, *foco narrativo* ou *focalização* (Genette, 1972), categorias que, segundo Silva (1976, p. 321), “compreendem as relações que o narrador mantém com o universo diegético e também com o narratário” (representação textual do destinatário).

O narrador pode assumir um ponto de vista na forma de organizar os conteúdos, no modo como distribui a informação narrativa (apresentando uma visão *externa* sobre os personagens, quando

torna disponíveis apenas as informações que um observador poderia possuir no momento da ação, ou *interna*, quando relata pensamentos ou sensações dos participantes da história) e, finalmente, um ponto de vista sobre a ação (Comrie, 1976), que trata da organização temporal intrínseca às ações ou às situações, refletida no aspecto verbal. A construção de narrativas supõe, assim, a habilidade de assumir um ponto de vista que permita ao narrador organizar e distribuir informações sobre as ações, os personagens, o tempo e o espaço, de modo a definir uma relação entre esse narrador e a história narrada, ou seja, selecionando o olhar e a voz que orientarão a trama a ser urdida, com conseqüências lingüísticas e discursivas para o estabelecimento da coesão e da coerência textual.

Não se sabe, entretanto, como a criança lida com os mecanismos vinculados ao processo de focalização ou como esses se manifestam em seus textos escritos. Entendemos que o diálogo favorece a construção do ponto de vista e que, além disso, o verbo *dicendi* e certas expressões a este vinculadas podem-se prestar à constituição de perspectiva, já que, muitas vezes, ao introduzir a fala de personagens, pode simultaneamente descrever o modo e a situação em que ocorreu o ato de fala ou seu conteúdo ilocucionário: ordem, pedido, admoestação, aviso, pergunta, resposta, declaração e outros.

O objetivo do presente estudo é verificar o modo como crianças de segunda e terceira séries lidam com a criação de perspectiva ao construir narrativas escritas. Serão analisados 90 recontos da história *Chapeuzinho Vermelho*, verificando-se a interferência da escolaridade e do tipo de escola (pública ou privada) em que as crianças estudam. Os textos analisados neste trabalho fazem parte de uma base internacional de dados para a pesquisa comparativa da aquisição da língua escrita por crianças de língua espanhola, italiana e portuguesa e foram coletadas no Uruguai, no México, na Itália e no Brasil, nos estados do Ceará e do Paraná (cf. Ferreiro e Moreira, 1996).

É provável que o reconto, mais que narrativas espontâneas, permita-nos tirar conclusões sobre as estratégias usadas pelas crianças para lidar com a perspectiva, uma vez que versões de referência nos possibilitarão flagrar as soluções encontradas pelos pequenos escritores. No caso do *corpus* usado para este estudo, a *versão de referência* é, como ressaltam Ferreiro e Pontecorvo (1996, p. 15), "a que as próprias crianças apresentam através de seus textos, impondo só duas condições mínimas: (a) a presença dos três per-

sonagens principais da história (uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho, sua avó e o lobo); (b) a ausência de elementos pertencentes a outra história tradicional. Na prática, os textos das crianças contêm também outros elementos fixos: a mãe, no início da história e o(s) caçadore(s) no final."

Demarcação dos discursos do narrador e do personagem

Organizada segundo a estrutura do conto folclórico tradicional, a história de Chapeuzinho Vermelho abre um vasto campo para um jogo de perspectivas que possa dar conta das diversas faces assumidas pelo lobo. Na versão das crianças, este personagem é qualificado, pela visão de um narrador onisciente ou através das recomendações da mãe de Chapeuzinho como um ser malvado e perigoso, que come criancinhas. No meio da floresta, o lobo é esperteza e sedução, voz amiga e instauradora de um outro tipo de ordem, que cala a prudência e abre espaço para o jogo, o desafio. Na casa da avó de Chapeuzinho o lobo é só subterfúgio e violência, ao fingir-se de Chapeuzinho para enganar a avó e de avó para enganar Chapeuzinho.

Fica bem claro que as crianças percebem as ações e motivos desse jogo de disfarces presentes no conto em questão, mas é relevante para entender a aquisição da escrita considerar as razões pelas quais crianças com bastante fluência, quando produzem em língua falada, enfrentam dificuldade em expressar as mesmas categorias em língua escrita. Analisaremos o modo como a criança distribui as informações ao conduzir a ação da protagonista, em suas relações com os demais participantes da história, verificando o espaço dado ao narrador e aos personagens através dos discursos direto e indireto.

Tentaremos identificar também as estratégias usadas para apresentar as diferentes faces do lobo. Para tanto, abordaremos apenas quatro episódios, dentre os oito propostos por Ferreiro e Pontecorvo (1996, p. 25), a saber, os episódios: 2 (A mãe pede a Chapeuzinho que vá levar algo a sua avó, com ou sem recomendações sobre o caminho que deve seguir); 4 (Chapeuzinho encontra-se com o lobo: diálogo entre ambos; decisão sobre o caminho a seguir); 5 (O lobo chega à casa da avó e a come, ou então a avó se esconde; o lobo se disfarça de avó) e 6 (Chapeuzinho chega à casa da avó. Diálogo canônico com o lobo disfarçado de avó).

O interesse do episódio 2 reside no fato de que é aí que se define a perspectiva global da história ao se delinear o cenário para a entrada do antagonista, seja por meio de uma advertência sobre os perigos da floresta/caminho ou de uma referência direta ao lobo, com ou sem as qualidades que o definirão como centro de outros episódios, permitindo o seu desdobramento como personagem. Nos textos analisados observa-se primeiramente que as advertências contendo cenários com as características delineadas acima são mais frequentes nos textos dos alunos de 2ª e 3ª séries da escola particular, que a apresentam preferencialmente através do discurso indireto, enquanto nos textos de alunos da escola pública predomina a introdução feita por meio do discurso direto. Os exemplos apresentados em (1), (2) e (3) apresentam algumas das estratégias discursivas adotadas pelas crianças.

- (1) ... e a sua mãe disse pra ela / e pelo caminho do rio / porque pela floresta tinha lobo mal / que comia as criancinhas / ... (Ana Paula, C2B009)
- (2) ... ai sua mãe falou / Chapeuzinho / estou aqui mamãe / mas vá pela estrada do rio / porque os caçadores diceros / que a estrada da floresta anda tendo lopo mal / que querem comer crianças / tabom mamãe / seguirei o seu conselho / mamãe adeus / tchau / va com os anjos / obrigada / ... (Mariana, C2M018)
- (3) ... Mas sua mãe disse a ela antes de sair de casa / para ir pelo caminho do lago e não pelo da floresta / porque os caçadores disseram / que na floresta havia um lobo. / ... (Beatriz, C3M024)

Como se no seu novo ambiente de vida. Sem a devida preparação, bruscamente afastados do seu torrão natal e entregues a si mesmos, sentiram-se como que ilhados do resto do mundo. Nos primeiros anos após a sua chegada ao Rio Grande do Sul, foram visitados, de tempos a tempos, por sacerdotes incumbidos da assistência aos imigrantes italianos e alemães. Mas, como não entendessem o idioma polonês, esses sacerdotes limitavam-se apenas em batizar, assistir a casamentos e fazer enterros. O primeiro sacerdote polonês, vindonicamente argumentos de autoridade (são mencionados em outros textos, além do caçador, a vizinha, um garoto, a vovó...). A preferência pelo discurso indireto nesse episódio marca também a concepção que as crianças têm do baixo teor dramático dessa categoria narrativa, mas da importância da focalização dos personagens aí mencionados.

O episódio 4 é o espaço em que se manifesta o subterfúgio e a sedução do lobo, e o que permite avaliar melhor indícios de autoria. É o episódio em que será delineado o curso da ação e se consolidará o caráter dos personagens, que poderá ser apresentado na visão do narrador ou apresentado de forma direta através do diálogo. Esta foi a estratégia predominante em todos os textos analisados, em que houve preferência pelo discurso direto; apenas dois textos de segunda série e quatro textos de terceira série da escola particular apresentaram discurso indireto nesse episódio.

O recurso mais interessante no episódio 4 é aquele que se destina a qualificar o caráter do antagonista, que, de fato, só adquire voz nesse momento. Os textos menos elaborados apenas fazem menção ao encontro entre o lobo e Chapeuzinho, sugerem que o lobo a vê e corre para a casa da avó, ou apenas a segue. Outros dão relevo ao desafio que justifica a transgressão/desobediência/teimosia de Chapeuzinho, mostrando um lobo que propõe uma aposta para ver quem chega primeiro à casa da avó (caso dos textos da escola pública). As crianças da escola particular preferiram compor o simulacro, mostrando um lobo travestido de anjo da guarda (cf. exemplo (4) abaixo), como uma voz, alguém atrás da árvore, um desconhecido atencioso, um lobo bom ou o próprio lobo mau. Neste caso, merece destaque a solução encontrada por Júlio, em (5), ao focalizar o caráter do lobo na moldura posposta do discurso direto: "falou o lobo com voz de inocente".

- (4) ... / ai ela foi andando e cantando / (...) / o chapeuzinho vermelho vei aqui / quem é / sou eu / você não pode me ver / eu sou o anjo da guarda / o que tem dentro dessa sesta / e uns dosinhos / que minha mamãe pediu / que eu levasse para minha vovozinha. / var pela floresta: / eu não minha mamãe disse / que eu fosse pelo caminho do rio / porque pela a floresta tem lobo mal: / o lobo mal ja si modou de lá / voce tem certeza / tenho sim: / tabom / disse o Chapeuzinho Vermelho / ... (Ana Paula, C2B009)
- (5) ... / no meio do caminho o lobo aparece / e falou / onde você vai / falou o lobo com voz de inocente, / vou a casa de mina vó levar estes doses / e o Chapeuzinho chegou / e disse / vovo pra que é eses olhos tão grandes / é pra te ver melhor / e esses dentes tão grandes / é pra ti morder melhor. (Julio, C2M011)

No episódio 5, os textos menos elaborados sequer fazem menção ao disfarce do lobo, como se observa em (5) outros mencionam o disfarce relatando, com o discurso do narrador, a chegada do lobo à casa da avó. Apenas crianças da escola particular e da terceira série da escola pública deram relevo ao encontro entre o lobo e a avó, recorrendo predominantemente à perspectiva do narrador. Quando usado o discurso reportado, a preferência recaiu no discurso direto; apenas em dois textos aparece discurso indireto. Merece destaque uma estratégia muito interessante, usada por crianças da escola particular, que foi o relato dos fatos e o planejamento da ação mostrados sob o ponto de vista do lobo, através da técnica do solilóquio, como se constata em (6), abaixo.

- (6) ... / AH, AH, AH / ela caiu direitinho / não sobe / que eu era o lobo / e que estava atrás da Arvore / vou depressa para / chegar antes dela. / - É aquela a casa da vovó. / AH, AH. / - Socorro quem é você / oh não o lobo / - NHAC / Comi a vovo / ... (Ana Cecília, C2M14)

O diálogo canônico

No diálogo canônico ocorre o clímax e, por vezes, o desfecho das versões infantis dessa história. Por ser o diálogo mais conhecido das histórias infantis, pode parecer pouco relevante para a criança trabalhar uma estrutura que não apresenta nada de novo. Talvez por isso algumas crianças tenham inserido um *etc.* a certa altura do diálogo. Este episódio, entretanto, oferece grande interesse para o estudo da perspectiva, uma vez que se trata do diálogo com alguém que finge ser quem não é. Como o narrador caracterizará esse personagem, como lobo, ou como avó? O narrador sabe do disfarce e o manipula ou deixa que o curso da história processe o desmascaramento? Chapeuzinho flagra o lobo imediatamente ou vai até a última fala? O desfecho ocorre dramaticamente na última fala do lobo ou se acrescentam outros episódios?

Os exemplos apresentados abaixo mostram duas soluções encontradas pelas crianças que indiciam um bom controle da perspectiva. Em (7), o narrador sabe que o lobo está disfarçado e se refere ao personagem como lobo, enquanto no diálogo trata Chapeuzinho como minha netinha e recebe desta o tratamento de vovó. Mas é em (6) que se percebe um resquício da preocupação da criança em estabelecer o ponto de vista: ela opta por não ter conhe-

cimento do disfarce ao colocar as palavras na boca da avó (... e a vovó disse:), entretanto no décimo turno usa um pronome masculino de terceira pessoa, numa clara referência ao lobo e não à avó. É evidente aí uma dificuldade com a manutenção da referência, pois, ao desenhar um diálogo entre dois personagens femininos, a criança precisaria contornar a ambigüidade que a referência pronominal criaria. Essa é uma questão que merece um estudo específico e mais cuidadoso, mas é importante mencioná-la aqui para, pelo menos, vislumbrar sua relação com a perspectiva.

- (7) ... / e o lobo mau disse / entre minha netinha. / ela entrou / e perguntou / vovo / para que esses olhos tão grande. / é para te enxerga melhor minha netinha / para que esse nariz tão grande / para te escuta melhor / e pra que essa boca tão grande / e pra te comer. (Vanessa, C3B018)
- (8) ... / e a vovó disse: / - Pode entrar / a porta esta aberta. / e disse: / Para que esses olhos tão grande / e o lobo: / - para ver melhor / É ela: / - E o nariz, esta tão grande / E ele: / - Para le cheirar melhor / E ela: / - E essa boca / E ele: / Para le come: (Pedro Henrique C3M015)

Conclusão

Neste estudo, tentamos apenas delinear algumas possibilidades e umas poucas questões que envolvem o estudo da perspectiva em narrativas infantis, deixando todos os pontos em aberto, já que pela limitação do espaço apenas foi possível ensaiar uma breve descrição. Pensamos ter deixado patente, pelo menos nas entrelinhas, que a experiência com o texto escrito, vivenciada pelos alunos de escolas particulares, pode explicar porque estes, mais que seus colegas de escolas públicas, usam estratégias mais próximas daquelas dominadas pelos adultos.

Referências bibliográficas

- APPLEBEE, A. N. *The child's concept of story*. The Univ. of Chicago Press, 1978.
- BAMBERG, M. A functional approach to the acquisition of anaphoric relationship. *Linguistics*, v. 24, p. 227-284.
- COMRIE, B. *Aspect*. An Introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- FERREIRO, E., MOREIRA, N. da C. R. *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever*. Estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas. São Paulo: Ática, 1996.
- FERREIRO, E., PONTECORVO, C. Língua escrita e investigação comparativa. In: Ferreiro e Moreira, 1996.
- GENETTE, G. *Figures III*. Paris: Seuil, 1972.
- HICKMAN, M. Metapragmatics in child language. In: MERTZ, E., PARMENTER, R. (org.). *Semiotic mediation: sociocultural and psychological perspectives*. London: Academic Press, 1985.
- RUMELHART, D. Notes on a schema for stories. In: BOBROW, D. G., COLLINS, A. (org.). *Representation and understanding*. New York: Academic Press, 1975.
- SILVA, V. M. de A. e. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.
- VAN DIJK, T. A., KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.